

LITERATURA BRASILEIRA
Textos literários em meio eletrônico
***Poemas da Morte*, de Emílio de Menezes**

Obra de referência:
Obra Reunida, de Emílio de Menezes,
Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1980.

POEMAS DA MORTE

A Godofredo Maciel

Índice

Dedicatória
Germinal
Marcha fúnebre
Pórtico
Olhos funéreos
No Gólgota
Funeral de um lyrio
Campo Santo
Sobre a Morte de José do Patrocínio

DEDICATÓRIA

Tu que trazes contigo a energia da vida
E que a vida de novo, em rápido transporte
Implantaste em meu seio, - a fúnebre guarida
Dos meus mortos ideais, - animadora e forte;

Tu que o primeiro amor, levaste de vencida
E deste à alma transviada, outro rumo, outro norte,
Do áureo nicho em que estás, faze vir comovida,
A bênção desse olhar para os "Poemas da Morte".

Do deserto país que povoaste de sonho
Sê, lá do teu altar, a aureolada padroeira,
E aceita toda a fé que nos meus versos ponho.

Lua e Sol! A aclarar-me a sinuosa carreira,
Para o dia final sé tu meu sol risonho,
Sê tu meu doce luar na noite derradeira.

GERMINAL

Passou. A vida é assim: é o temporal que chega,
Ruge, esbraveja e passa, ecoando, serra a serra,
No furioso raivar da indômita refrega
Que as montanhas abala e os troncos desenterra.

Mas o pranto, afinal, que essa cólera encerra
Tomba: é a chuva que cai e que a planície rega;
E a cada gota, ali, cada gérmen se apegas
Fecundando, a minar, toda a alagada terra.

Também o coração do convulsivo aperto
Da dor e das paixões, das angústias supremas,
Sente-se livre, após, a um grande choro aberto.

Alma! já que não é mister que ansiosa gemas,
Alma! fecunda enfim nas lágrimas que verto,
Possas tu germinar e florescer em Poemas!

MARCHA FÚNEBRE

I

Baixaste sobre mim teu olhar funerário
Numa resignação piedosa de hora extrema,
E as pálpebras caindo em alvas de sudário
Velaram-me de todo a luz clara e suprema,

E tateante no mundo hostil, no mundo vário,
Sem outro guia, sem outra alma que o meu poema
Ilumine e engrinalde e o faça extraordinário,
- Um poema em que minh'alma artista ria ou gema –

Vou para além ouvindo uma música nova
Feita de pás de terra a te cair no peito
Como que para pôr o meu amor à prova

E essa música ouvindo, estranha em seu efeito,
Sinto a luz a morrer e cantarem-lhe à cova
Um funéreo e feral réquiem de luas feito.

II

Esvaziaram de todo a cova em que dormiste
O sono a que ainda tens a tu'alma sujeita,
E vem dela o som cavo, o monótono e triste,
Vão queixume da terra em lágrimas desfeitas.

Sinto distintamente! Esse queixume existe:
É a saudade da terra aos teus ossos feita;
É o soluço que vem da cova em que dormiste
O sono a que ainda tens a tu'alma sujeita.

Há por tudo o rumor de um choro desolado;
Cantam chorosamente as árvores e os fossos;
Nossas almas lá vão, unidas lado a lado...

Espalharam à noite os teus brancos destroços
E a noite, na viuvez do teu perfil amado,
Verte funereamente o luar sobre os teus ossos!...

III

Essa cova que aí está, revolvida e vazia,
Encerra ainda o calor que trouxeste do mundo;
Contém toda a saudade e atra melancolia
De um sofrimento obscuro, incurável e fundo.

Apenas, no arvoredado, a rouca sinfonia
Do vento vem chorar em cantochão profundo,
E a noite derramar toda a orvalhada fria
Do pranto em que também a minha face inundo.

Pois é assim a minh'alma, a inconsolada imagem
Dessa cova que aí está ainda exaltante e quente,
Do calor que lhe deste à rápida passagem.

Essa cova a retrata, essa que tem somente
Por supremo consolo, a lúrida ramagem
De um salgueiro a chorar desoladoramente...

IV

Encerraram-te aqui as cinzas veneradas;
Esta urna te contém, eternamente, agora,
Nela também existo e as noites e alvoradas
Passem, pouco me importa, ululando lá fora.

Tenho-lhe a adoração das relíquias sagradas,
Pois este relicário onde o meu sonho mora,
Contém, para a minh'alma, as ilusões passadas
E a pulverização do teu perfil de outrora.

É-me grato sentir, pelas noites sem termo,
Toda a apaziguação do meu tormento vário,
Tendo-te junto a mim a aclarar o meu ermo.

Tendo-te junto a mim, sob este alampadário,
E ver com que saudade e com que esforço enfermo,
Morre a luz em redor do teu incinerário...

V

Ressurgiste afinal nessa glória suprema
Com que hás de eternizar a minha vida e a tua;
Pois por ela é que escrevo e trabalho o meu poema
- O poema em que noss'alma idílica flutua. -

Ressurgiste afinal! Não mais minh'alma trema
Ante o frio glacial dessas noites sem lua,
E esses dias sem sol de uma ansiedade extrema!
Pois vieste e veio a luz que em ti se perpetua.

Desde o dia fatal, em que cedeste à doença,
Desde que te partiste, aqui me tens clamando
Pela volta da luz, pela tua presença...

Aqui me tens tateando, aqui me tens lutando!...
E, ai! não viesses tão cedo! e eu não sei se há quem vença
A um cortejo de treva, uns funerais cantando!...

PÓRTICO

Naquele olhar em que moram meu sonho e guia,
E onde vou procurar tudo que almejo e quero,
Embalde busco a vida. A efêmera alegria
Do viver, não perturba o seu fulgor sincero.

Nada que for terreno e alegre cante ou ria,
Vive nesse altar de onde o bem supremo espero;
Mas há nele o perdão, graças de Ave-Maria,
Prenúncios de além-céu em cada raio austero.

Necrólatras que andais na eterna romaria
Dos túmulos, buscando algum sonho que o fero
Destino arrebatou de voss'alma sombria,

A mim, que sou da Morte, o impenitente Ahasvero,
Vinde, eu vos mostrarei, cantando esta elegia,
Tudo que ainda sonhais, naquele olhar severo.

OLHOS FUNÉREOS

Naqueles olhos onde os astros moram
Trocando o céu que têm por céu mais belo,
A sombra negra da paixão de Otelo
Passa rugindo com um punhal na mão.

LUIZ DELFINO

.....
.....
...les yeux s'agrandiront, tant ils auront vu des choses éffrayantes; le travail de la vie,
- et de quelle vie! - dégagera de la vierge timide une femme de passion et de combat,
consciente de sa supériorité, de son doux et sombre pouvoir pour l'amor et pour la
mort.

EUGENE MELCHIOR DE VOGUÉ
(Calherine Sforza)

I

Esse olhar cuja luz, nesta elegia, canto;
Que, apesar de funéreo, aviva um peito exausto,
Encerra para mim o extraordinário encanto
De um palácio que dorme à sombra do seu fausto.

Olhar que mesmo enxuto a outro olhar mostra o pranto
E que passa por nós como um prenuncio infausto.
Dentro da orla da cor roxo-azul de agapanto.
Que o circunda, ele acende um fogo de holocausto.
Frio é sempre esse olhar imprevisto de orago
Que profetiza a morte e a vida nos consente
Dentro do seu negror amortecido e vago.

Fátuas fulgurações o animam de repente;
Mas toda a luz que espalha aquele olhar aziago
É o sinistro clarão de uma câmara ardente.

II

Olhos feitos de treva e feitos de martyrio,
Macerados ao fundo augura! das olheiras,
Surgem dessa brancura immaculado lyrio
Que a sombra clausal põe na face das freiras.

Olhos! vosso fulgor é o fulgor do delírio;
É o supremo clarão das Horas-Derradeiras.
- Luz mortuária e final, a agonizar num círio,
Alumiando um tendal de túbias e caveiras. -

Sois do fel do viver a embebedora esponja;
Cantam dentro de vós os responsos e os psalmos
De um mundo onde não há nem traição nem lisonja.

E a dona angelical, desses dois olhos calmos,
Como que nos faz ir, volvendo o olhar de monja,
Em doce romaria ao vai dos Sete-Palmos.

III

Lê-se no seu olhar o derradeiro tomo
De um estranho missal feito de ritos vários,
E ante o qual as paixões e os sentidos eu domo
Numa genuflexão de aras e de sacrários.

Circundam-lhe o negror dos seus olhos mortuários
As olheiras da cor cristã do cinamomo,
- Cor do fumo que sai de amplos turibulários
Ascendendo para o ar em litúrgico assomo. -

Qualquer que seja a luz que desse olhar irrompa,
Nunca há nele a agudez de uma nota encarnada
Nem o alegre estridor de alaridos de trompa.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

